

Livingston e o leão.

No primeiro volume d'este semanario, a paginas 73, publicámos o retrato do famoso missionario inglez David Livingston, com uma breve noticia da sua vida e perigosas explorações no interior da Africa. Durante essas explorações esteve o resoluto viajante exposto, como se póde bem suppor, a infinidade de perigos, provenientes uns da acção do clima, fatal em algumas partes para os europeus, outros da indole traiçoeira das barbaras tribus africanas. Em nenhuma occasião, porém, se viu o ardente missionario em tão apertado lance, como na que representa a gravura, copiada da que acompanha o seu excellente e noticioso livro.

Tendo partido da colonia do cabo da Boa Esperança chegára o dr. Livingston, na sua primeira expedição, ao deleitoso valle da Mabotsa, na latitude de 25° 14′ sul, e longitude de 26° 30′.

Encontravam-se alli largos vestigios da passagem de muitos animaes silvestres, mórmente leões. Arrastado pelo seu espirito aventuroso dirigiu-se o missionario, com outros, para o sitio onde os vestigios appareciam mais sensiveis, anciando por observar de perto o soberbo rei das feras. A sua má ou boa fortuna deparou-lhe em breve o ensejo que buscava: um enorme leão surde de entre o matto, e se dirige, sereno, mas terrivel, para aquelles em que já presentia adversarios dignos de attenção. Tratam os europeus de preparar as espingardas; mas ainda se não haviam prevenido assás, o animal armava o pulo, e n'um abrir e fechar d'olhos, derribava o nosso animoso viajante, que era o que lhe ficava mais proximo. Julgou este chegada a ultima hora; todavia não perdeu o acordo, e apesar de sentir no braço esquerdo o effeito das duras garras do leão (de que aliás lhe proveiu uma deformidade irremediavel) ainda alimentava uma tenue esperança de salvação. Acudiu-lhe Deus n'aquelle momento supremo; ouve-se silvar uma bala; o leão sacode furioso a juba, larga a presa, e investe para o lado d'onde tinha partido o tiro que o ferira. Livingston estava salvo, graças á Providencia, e á certeira pontaria de Bebalwe, seu companheiro de viagem, que tão a proposito lhe havia acudido. Pouco depois tinha a satisfação de admirar o cadaver do animal que tão grande e legitimo susto lhe causára.

P.

EXTRACTOS DE UMA CARTA INEDITA

de D. João de Castro para el-rei D. João III, escripta em Diu a 16 de dezembro de 1546.

Estes fragmentos que aqui publicâmos são mais do que sufficientes para comprovar que o engenho de D. João de Castro como escriptor é, pelo menos, egual ao seu esforço como soldado, e aos seus talentos como homem de guerra. Muitas das expressões de que elle usa n'esta carta foram depois empregadas pelo seu historiador Jacinto Freire de Andrade, na *Vida de D. João de Castro,* obra das mais lidas na nossa litteratura, e certamente das menos dignas de o serem, pela affectação do estilo. Que differença entre a prosa simples, concisa, substanciosa e pittoresca de D. João de Castro, e a rede de *concetti,* em que Ja-

cinto Freire envolve a verdade da narração, e a verisimilhança dos successos!

As palavras sáem naturaes, ao correr da penna, a imagem nasce espontanea da propria abundancia do discurso na carta de D. João de Castro. Jacinto Freire representa evidentemente na nossa litteratura a transição para o *seiscentismo*, e o artificio das suas figuras demonstram-nos o quanto era familiar com os versos de Marini, e com as bombasticas poesias de D. Luiz de Gongora. Será por ventura severo o nosso juizo, porém parece-nos que ninguem poderá ler seis ou sete paginas da *Vida de D. João de Castro*, sem ficar a final fatigado por tão cuidadosas antitheses, e não lhe lembre que aquelle livro fórma um perfeito contraste com os livros de que mad. de Sévigné dizia: *C'est un livre qui se laisse très bien lire.*

É tão imperioso n'elle o desejo de procurar effeito, que fr. Francisco de S. Luiz, nas notas que fez á sua *Vida de D. João de Castro,* na edição publicada pela academia real das sciencias em 1835, não pôde deixar de notar o seguinte: «Expressões e clausulas, que parecendo envolver uma especie de contradicção, mostram quanto o escriptor, aliás benemerito, sacrificava a exactidão do discurso ao ingrato gosto das antitheses, que não poucas vezes desfiguram a belleza de tão elegante e polida composição.»

A *Vida de D. João de Castro,* dedicada ao principe D. Theodosio, em 1651, apparecia effectivamente vinte e seis annos depois da morte de Marini (morto no anno de 1625) e vinte e quatro depois da de D. Luiz de Gongora y Argote, esmoler de Filippe III, (morto em 1627), e não será ousadia declarar que é o primeiro periodo d'essa deploravel decadencia que nos conduz successivamente até á *Fenix Renascida,* á qual o padre Antonio Vieira ainda assistiu, e de que teve a consciencia e o sentimento, quando disse que, morrendo, deixava apenas o padre Bernardes.

D. João de Castro é tambem um dos magestosos vultos pertencentes á heroica tribu que começa em Vasco da Gama e em Affonso de Albuquerque, em D. Francisco de Almeida e Duarte Pacheco Pereira, para acabar em D. Luiz de Athaide e no conde de Redondo, e cujo caracter mais se apreciará pelas memorias que a sua penna deixou, memorias escriptas entre os cuidados da guerra, e os sobresaltos de tantas difficuldades vencidas, do que pelo ambicioso panegyrico de *Jacinto Freire de Andrade.*

Á India seguramente já no tempo de D. João de Castro, como se verá pelos excerptos que publicâmos, se podia applicar a descripção que D. Francisco Manoel na sua *Carta de guia de casados* fazia da corte e dos fidalgos do tempo d'el-rei D. Sebastião. «Como se poderá crer que n'aquelle reinado «d'El-Rei D. Sebastião em que os homens se fingião «de ferro por contemplação dos excessos d'El-Rey, «de costume andacem os Fidalgos mancebos encos-«tados em seus pagens, como hoje as damas. Che-«gava a tanto aquelle máo costume, que quando os «que jogavão a pella passavão de huma casa para a «outra o não fazião sem que se lhes chegassem os «pagens, e nelles se encostassem. Diziam uaa!, fa-«zendo-o muito comprido, e os mais delles fallavão «affeminado por uso do tempo.»

Em muitos periodos da sua carta se lamenta D. João de Castro da difficuldade que teve em arrancar os mancebos ás delicias da vida de Goa, e sollicita de D. João III numerosas mercês, declarando abertamente que só o interesse pessoal é efficaz estimulo para dar zêlo e actividade aos fidalgos que servem n'aquellas partes.

«Vasto cemiterio de podridão e lentejoulas» chama o sr. Alexandre Herculano aos reinados de D. Manoel e D. João III; e os numerosos documentos, que ultimamente tem visto a luz publica, justificam a severa phrase do illustre historiador. D. Manoel, tendo tido ao seu serviço aquella geração de grandes homens, educados nas cortes de Affonso V e D. João II, foi para quasi todos elles ingrato. D. João III, do mesmo modo, repartia com os seus cortezãos e validos as riquezas do thesouro, em quanto deixava geralmente, sem recompensa, os que nos palmares da India, e nas areias da Africa vertiam o seu sangue pela gloria das nossas armas.

«É mister datar as revoluções, escreve profundamente M. Guizot, do dia em que ellas rebentam: é a unica epocha determinada que se lhes póde designar; mas não é aquella em que ellas se operam. Os abalos que se denominam revoluções são muito menos o symptoma do que começa, do que a declaração do que já se passou.»

Os reinados de D. Manoel e D. João III prepararam evidentemente a catastrophe de Alcacer-Quibir, e as torpes condescendencias da aristocracia e do alto clero, quando Filippe II se apresentou como pretendente á coroa de Portugal. Uma nação não se corrompe n'um só dia; e D. João de Mascaranhas, o heroico defensor de Diu, não estenderia sollicito as mãos ao ouro e mercês do monarcha hespanhol, se por ventura, a par das acções de coragem militar que presenciou na Asia, tivesse contemplado tambem exemplos de abnegação, de patriotismo e de desinteresse.

Dizer a verdade, extrahir dos factos as suas naturaes consequencias, não é nem ultrajar as nossas tradições, nem calumniar o passado. É só assim que a historia «a mestra da vida», como lhe chama Cicero, ou «a eschola pratica dos negocios publicos», como a denomina Polybio, póde illustrar os interesses do presente, e servir de util correctivo aos que vêem por um prisma demasiadamente tenebroso as miserias e fragilidades da epocha em que vivem.

Seguem-se agora os fragmentos a que alludimos, sobre os quaes chamâmos a attenção do leitor curioso.

Fallando do soccorro que mandára a Diu, diz o seguinte:

«Na companhia de D. Fernando (D. Fernando de Castro, seu filho) mandei a Bastião Coelho, homem habil e experimentado assim na guerra do mar como da terra, e ter visto muitos cercos e combates, e saber todas as maneiras com que se ha de combater ou defender; e acabado de entrar este soccorro em Diu, cerrarão as barras e ficou o mar innavegavel, e a fortaleza com a gente, mantimentos e munições que acima digo a V. A., e com D. João Mascaranhas dentro por Capitão, que é tal fidalgo e cavalleiro, *que primeiro o farão em postas do que lhe tomem huma só ameia.*»

A respeito do segundo soccorro, que mandou a Diu, com seu filho D. Alvaro de Castro, escreve a el-rei por estes termos: «A dezanove de Julho me derão huma carta de D. João Mascaranhas pedindo-me que o mandasse soccorrer com gente por caso de o terem muito apertado as gentes de Elrei de Cambaya: as quais lhe tinhão já derribado hum Baluarte chamado Sam João, e cega a artelharia e travezes do Baluarte São Thomé seu respondente, e assim tinhão feito quatro estradas cubertas muy largas que hião subir á cava, para por ellas a entulharem. Elrei de Cambaya já em pessoa estivera onze dias dentro na cidade: fazendo-me mais saber como dia de São João fôra morto Cogeçofar de um tiro perdido que acaso se atirou da Fortaleza, e que foy huma das maiores boas venturas que a esta terra podião vir.

«Esta carta foi feita a dois de Junho, e mandou-a,

por mar, a Baçaim, e D. Jeronymo m'a mandou por um patamar.

« Como isto soube em espaço de cinco dias fiz prestes vinte e seis fustas e catures com obra de quinhentos Lascarins arcabuzeiros, a mais escolhida gente de toda a India, e os mandei pela barra fóra até vinte e tres de Julho, caminho de Diu; e porque hera cousa estranha e nova e até agora nunca vista nem praticada haver-se de navegar esta costa no mez de Julho, que he o coração do inverno, e por esta causa estava de recusar a gente de se querer embarcar, pareceo-me justo e necessario mandar por Capitão-Mór d'esta armada a D. Alvaro meu filho, porque não sómente por esta via obrigava os homens a quererem hir, mas ainda os penhorava a todos a se offerecerem a fazer esta jornada de boa vontade, e hera hum meio muito honesto para não escusar cousa nenhuma; e tão bem com mandar meu filho lhes mettia em cabeça não serem os trabalhos tammanhos como se pintavão, nem os tempos tão feios que seguramente se não podesse navegar esta costa; porque não hera de crer que eu aventurasse D. Alvaro a perigos evidentes contra toda a resão, e opinião commum, em tempos innavegaveis, e em que jamais se virão lavrar e caminhar estes mares, salvo sabendo algum segredo ou arte para o fazer mais seguramente: e com isto se não poderá dizer que ponho de boa vontade em perigo os filhos alheios por o serviço de V. A. tirando fora os meus, já que eu pessoalmente não posso entrar e acudir a todos.

« D'esta maneira partio elle até vinte e tres de Julho, e lhe deu Nosso Senhor tão bom tempo que aos vinte e sette entrou em Chaul, o que foy tido em toda a India por milagre. »

D. João de Castro depois de descrever as tentativas que D. Alvaro fez para aportar a Diu, escreve o seguinte:

« Passado este terceiro temporal tornarão D. Alvaro e D. Francisco á sua porfia, e desta quarta vez aprouve a Nosso Senhor de os levar a Diu a vinte e cinco de Agosto, posto que com grandissimo trabalho, pois de suas armadas os acompanharão sómente dezaseis fustas, porque as outras, humas por não poderem, outras por não quererem arribarão, e não tiverão parte com elles. Os capitães que os acompanharão são estes senhores: D. Duarte de Menezes, D. João de Athaide, filho de D. Antonio de Athaide, Nunô Pereira, Balthasar da Silva, Duarte Pereira, D. Antonio de Monroy, Antonio Valladares, filho do chanceller Francisco Guilherme, Diogo Fernandes, Pedro Gonçalves, João Rodrigues Corrêa, Alvaro de Almada, Miguel da Cunha, Lopo de Sousa, D. Jorge de Menezes, Jorge da Silva, D. João de Abranches, D. Duarte d'Eça, Antonio Martins e Luiz de Mello, em huma galeota; as que não quizerão chegar a Diu me pareceu bem callar: *tomando exemplo da Sagrada Escriptura, que sempre nos põe o nome dos bons, e dissimula e calla o nome dos máos.*

« Parece-me que se tardara mais D. Alvaro seis dias se perdera a Fortaleza sem nenhum remedio: donde nasceo hum proverbio em toda a India dizendo que *D. João Mascaranhas defendera Diu, e D. Alvaro a salvara:* porque a maneira de que a achou faz grande piedade: é para ver que os muros e Baluartes herão todos arrazados com o chão, e as cavas entupidas, sem haver signal donde forão: a gente quasi toda morta, a que ficara, ferida e doente: entre os quais mortos acharão D. Fernando meu filho, o qual morreo com toda a Nobreza que estava em Diu, desta maneira; tinhão os Mouros minado o Baluarte São Thiago, e huma parte do muro, e por esta banda punhão toda a sua força de entrar na Fortaleza: pelo que, como lugar mais perigoso acudia D. Fernando á guarda delle com toda a mancebia e gente nobre que na Fortaleza estava: ora fazendo os mouros amostra de dar hum combate dia de São Thiago acudio Dom Fernando á guarda e defensão de Baluarte e muro como costumava, e estando de cima defendendo a entrada aos de fóra, derão fogo ás minas, e fizerão revoar o Baluarte, e muro, aonde morreo elle e toda a principal gente que no Baluarte estava: dizem que D. João entendêra o engano e os mandára avisar, mas por maldade de hum homem que ahi estava, a quem eu tinha feito muito bem e havido muita mercê de V. A., se deixarão de retirar, e aconteceu esta desventura que de todo o ponto houvera de fazer perder esta Fortaleza.

« O que até esse tempo fez D. Fernando deixo de dizer a V. A., porque não póde ser que os homens sejão tão máos que algum delles não tenha cuidado de dizer a V. A. os serviços e grandes trabalhos que passão meus filhos pelo servir: pois eu estive sempre tão prompto para apresentar a V. A. todos aquelles que lhe fazem os alheios. »

Eis como D. João de Castro se exprime ácerca de D. João Mascaranhas:

« Dissera particularmente a V. A. o como se houve D. João Mascaranhas em todos estes trabalhos: mas seria nunca acabar, porque nas peleijas se mostrava grande soldado, e na maneira de guerrear grande capitão, e no cuidado e agasalho de sua gente, muy virtuoso; de maneira que seus serviços, e merecimentos com nenhuma sufficiencia se acabarão de louvar. »

D. João de Castro depois de haver descripto a grande batalha, em que sendo vencidos os exercitos do rei de Cambaya se poz termo ao apertado cerco de Diu, mostra a sua fé um pouco supersticiosa, a modestia das suas pretenções, e o raro desinteresse que realçava as suas virtudes e superiores talentos:

« Esta victoria assim como foy a maior que se vio em todo o Oriente assim he bem que V. A. a festege e saiba que se não podia alcançar sem muitos e evidentes milagres, como todos têem por cousa muito certa e averiguada: e os Mouros affirmão vêrem sobre a Igreja huma Mulher muito resplandecente que os cegava, e não deixava ter o rosto direito aos Christãos; pelo que he necessario que V. A. mande fazer muitas procissões, e dar graças a Nosso Senhor que lhe fez tamanha mercê, que a dez de Novembro vespera de São Marcos lhe deu de novo toda a India e huma tamanha victoria com obra de dois mil homens que para todo o sempre ficará della memoria nestas partes, e assim fazer-me mercê da minha joia, como sempre foy costume dos Reys e Principes, quando algum Capitão vence batalha ou toma cidade: o que eu tudo fiz em hum dia, com ajuda de Nosso Senhor: mas porque póde ser que V. A. me faça mercê de alguma cousa impropria da minha condição, e maneira de vida, lha quero nomear e pedir: que he que me faça mercê de hum castanhal que tem na Serra de Cintra aonde chamão a Fonte d'Elrei, a par da minha quinta, para que tendo os meus moços que comer no meo, não vão destruir, nem fazer damno ao alheio. *O castanhal poderá valer de compra dez ou doze mil reis, mas para mim muitos mil cruzados.* »

Na relação que acompanha a carta, das pessoas que mais se distinguiram, em que D. João de Castro retrata todos os serviços eminentes, e pede a el-rei recompensa para elles, encontra-se esta judiciosa observação ácerca dos costumes d'aquelle tempo:

« Balthasar da Cunha, filho de João Gomes da Cunha Senhor de Tavora, matarão-n'o no dia em que D. Francisco de Menezes morreo; ficão-lhe humas irmãas no lugar de Tavora, peço a V. A. muito por mercê, que as mande meter Freiras; porque em verdade das mulheres que ficão dezamparadas por lhe

os Irmãos, pais e maridos morrerem na guerra por tanto serviço de Deus e de V. A. como esta, he que os Mosteiros devião de ser povoados, e não das filhas dos homens ricos e honrados que por darem quanto tem a huma, mettem as outras nos Mosteiros, a poder de açoutes e má vida. »

D. João de Castro descrevendo n'outra parte a corrupção que lavra na India, declarando que os homens alli « não crêem que haja mais que nascer e morrer, sem terem por peccado, nem ainda por cousa mal feita, o *fazerem furtos*, o *usarem mortes*, *viverem na luxuria*, e em conclusão, em nenhuma maldade se podem comprehender da qual hajão huma pequena vergonha » pede a el-rei que mande outro governador para o substituir, com estas palavras:

« Eu confesso a V. A. que não sou já o que parti de Portugal, e que cada vez mais me vou enchendo de ferrugem, e apodrecendo como as armas dos seus armazens; e comtudo tenho muita esperança em Deos que até tres annos me não arrombe de todo: pelo que peço muito por mercê a V. A. que não queira chegar ao cabo de experimentar nesta Terra a minha constancia e fortaleza, e haja por seu serviço mandar outro Governador, porque lhe juro em verdade que os trabalhos da India me tem gasto as carnes, e os cuidados e sobresaltos de tantas e tão desvairadas cousas, moido os ossos: e o máo viver dos homens damnado a alma; de maneira, senhor, que cumpre muito a V. A. não me ter cá mais de tres annos, e á minha consciencia recolher-me outra vez aos mattos da Serra de Cintra para dar alguns dias a Deos de quantos annos me tem levado o Mundo. E não me importe V. A. a fraqueza de desejar eu em extremo sahir-me de huma terra aonde S. Thomé recusava tanto de o Nosso Senhor mandar; e tão bem não é possivel poder-se mais tempo sustentar hum Governador, sem mostrar o fio, como quer que he sobejamente perseguido dos homens: e dois peixes para cinco mil homens, nem merecimentos para Nosso Senhor fazem milagres por elle. »

Numerosos são os trechos que provam quanto a degeneração dos costumes ia alluindo as bases do nosso imperio na India:

« Tambem me pareceo muito serviço de V. A., escreve D. João de Castro, não se tomarem cá nenhumas contas de feitores, mas que as vão todas dar a Portugal, porque os Feitores, Contadores e mais Officiais se conformão todos para roubarem a V. A. e partirem a presa a seu favor e prazer.... »

« E tambem seria de parecer, continua elle, que nenhuma causa em que se demandasse a V. A. se determinasse finalmente cá, mas que todas fossem por Appelaçam ao Reino, porque se me vay metendo em cabeça que na India nós vemos por causa de restituição tirarem a V. A. o seu pelo dar ás Partes: mas cuidamos que em fazer assim se segue fazer-mos amizades, e boas obras aos homens sem nenhum cargo de consciencia: pelo que me affirmo *que são mais almas perdidas dos Portuguezes que veem á India, de que se salvão dos Gentios que os Pregadores Religiosos convertem á nossa Santa fé.* »

Fallando de um regulo da India, o rei de Condé, que lhe escrevêra uma carta para o fazer christão, e das muitas intrigas que d'este negocio se tinham originado, acaba por este modo: « O negocio deste Rey he escuro, e as cartas que me vem de Ceilão sobre a sua christandade, assim dos frades que lá estão, como de outras pessoas contrarião-se tanto, que verdadeiramente me não sei determinar nem dar conta deste caso a V. A. como he necessario. El Rey se fez christão de noute, e ás escondidas, parece a muitos que isto foy nessessidade que teve de o eu soccorrer, porque o apertava muito outro rei seu visinho que se chamava Maduré.... e tambem entre estes Portuguezes houve muytos que me escrevem o contrario, affirmando-me serem todas estas cousas fingidas mostras de El Rey, a fim de fazer seu negocio, e parece-me que todas estas divisões e desvarios nascerão de tres mil cruzados que este Rey deu aos Portuguezes, com os quais sobre a repartição delles *houverão tantos descontentamentos, brigas, e differenças, que se houverão de matar todos.* »

« E necessario que V. A., escreve D. João de Castro, mande muita gente á India, e esta não venha sem soldo ou outra nenhuma conveniencia, porque em chegando cá, não he possivel deixar de os assentar e pagar; pois se assim o não fizer na propria hora hirão receber soldo dos Mouros, e o que for de muita consciencia, se passará a Coromandel e China, e outras partes aonde se podem contar com os mortos; e tambem cumpre V. A. mandar muitas armas, e muito mais ter governadores, e vedor da Fazenda, que lh'as não deixe passar de parte a parte, e perder de ferrugem. »

LOPES DE MENDONÇA.

SYDNEY.

Não se encontra nos fastos do mundo exemplo de uma colonia que tão rapida e maravilhosamente se engrandecesse e opulentasse como a Australia.

Ha poucos annos ainda era apenas mencionada nos relatorios e nas contas do governo inglez; agora constitue quasi que um novo imperio, e já excede muitos estados que se decoram com este e outros pomposos titulos, sendo innegavelmente depois da Asia, onde aliás o poder britannico está tão seriamente ameaçado, a melhor, a mais rica e a mais importante colonia ou possessão da Inglaterra.

Notavel pela abundancia de lãs e productos coloniaes, a Australia ou Nova Galles do Sul vira prosperar a sua industria agricola e commercial é verdade, desde que o governo britannico a olhára com mais desvelada attenção; mas o progresso que se notava então era vagaroso, e ainda que fosse um pouco mais accelerado, não espantaria de certo, attendendo aos meios de que aquella grande nação dispõe, e á actividade e intelligencia dos seus commerciantes.

A descoberta, porém, de minas de ouro, que excediam tudo quanto poderia imaginar-se, escurecendo a fama das celebradas minas da California, transformou, de repente, a face da colonia. Abalam da metropole immensos navios carregados de colonos, d'outros paizes seguem aquelle exemplo; e a emigração europea, que se dirigira até esse tempo quasi exclusivamente para a America do norte, busca ávida as solidões da Nova Galles do Sul.

Onde eram sertões safaros surgem campos cultivados, cruzam-se estradas magnificas onde havia sombrias florestas só frequentadas de animaes ferozes e não menos feros indigenas; aonde eram praias ermas levantam-se aldeias, villas, grandes cidades por fim, que apparecem tambem, como por milagre, dotadas de todas as commodidades que só se sabem apreciar nas mais policiadas povoações da Europa.

Sydney é uma prova do que asseverâmos. Posto que tivesse sido fundada em 1787, até aos ultimos annos conservára-se estacionaria, para assim dizer; mas depois do descobrimento das minas assumiu umas proporções, que maravilham ainda o animo mais prevenido.

Situada na costa E. da Nova Galles do Sul, em 148° e 30′ longitude E., e 33° e 51′ latitude S., esta cidade, que goza de um excellente clima, posto que não seja abundante de agua potavel, contava em

1841 apenas 30:000 habitantes; hoje calculam-se-lhe 300:000, e todos os dias augmenta este numero! Faltavam-lhe n'aquelle anno muitos dos estabelecimentos de que se honra a culta Europa, hoje quasi que não se póde enumerar algum que alli não haja; assim Sydney possue uma universidade, um bello observatorio, um jardim botanico, bibliothecas, museus, hospitaes, casas de banhos; amplos estabelecimentos para o commercio; instituições de credito, como são bancos, companhias de seguro, e outras de navegação e caminhos de ferro; soberbos estaleiros para construcção de navios de vela e a vapor, finalmente tudo que só se esperaria encontrar n'um grande emporio de commercio. E Sydney é realmente um vasto emporio; senhora do porto Jackson, um dos melhores do mundo, mantem um trafego activissimo e tão extraordinario, que nem nós os portuguezes o podêmos bem imaginar, com a Europa, com a China, com a India e com a Oceania. Melbourne e Victoria, cidades que tambem póde dizer-se que nasceram hoje, já rivalisam em parte com Sydney. E não é só nas povoações do litoral que se nota este espantoso progresso, não: no interior o desenvolvimento não é menor; e se a emigração continuar na mesma escala, se circunstancias fóra de toda a previsão humana se não derem, estamos que a Nova Galles do Sul, ou a Australia, como vulgarmente lhe chamâmos, formará no Pacifico em epocha talvez não muito remota, um estado independente e respeitavel pelo seu adiantamento, população e recursos naturaes.

P.

OS MONTENEGRINOS.

(Conclusão).

Além do Tsernoïevitja Rieka, ha no Tsernogore um outro rio, o Tsernitsa, que se sobe em barcos até á aldeia de Vihra, em que se encontra um bazar muito



Sydney.

antigo. Foi n'este sitio que rebentou a primeira insurreição dos rayas da montanha contra os turcos, que, vindo arrecadar a dizima de trigo e milho, porfiavam que as medidas de alqueire eram muito pequenas. Os rayas exasperados partiram as medidas na cabeça dos turcos, bradando: Eis-aqui como os montenegrinos hão de medir d'ora ávante as suas dizimas.

A temperatura d'estes valles é tão suave, que os antigos esclavonios chamavam a toda esta região *Joupa*, terra sem neve ou terra do sol, e os seus habitantes tinham o titulo de *joupanes*, senhores do sul. Mas um clima muito quente é sempre fatal. Alguns districtos carecem de fontes, e as mulheres de certas aldeias são compellidas a caminhar um dia inteiro para encontrar no verão a agua necessaria aos usos domesticos. Não é raro no Tsernogore, como na Arabia, baterem-se as tribus por causa da posse de uma fonte. Em alguns sitios os pastores tem de conduzir os rebanhos até aos ultimos cabeços, onde se conserva sempre neve nas furnas das rochas; derretendo cada dia uma certa quantidade d'essa neve elles conseguem matar a sêde ao gado.

Não ha no Tsernogore cidades nem fortalezas, mas apenas aldeias, dando-se este nome ao terreno muitas vezes variavel occupado por uma confraria (*bratstovo*), isto é, ao conjuncto de differentes casaes formando uma communidade, cujos membros todos se consideram como irmãos. Os montenegrinos construem as mais das vezes de pedra, ao revez dos servios danubianos, que levantam as suas cabanas de madeira. Em vez de distribuir, como os outros servios, as suas habitações por um grande espaço, os montenegrinos grupam-nas o mais que podem nos cerros escarpados, deixando apenas entre as casas estreitas vielas. As casas são quasi todas guarnecidas de setteiras; nas *koulas*, especie de torres com um só andar, o pavimento terreo serve para abrigo do gado.

O Montenegro abunda em rebanhos de cabras e

carneiros; bois e cavallos esses são raros. Certos valles produzem vinho, que seria excellente, se não criasse um saibo desagradavel nos odres em que o mettem. Troncos de arvores cavados pelos indigenas offerecem asylo a innumeraveis enxames de abelhas, que n'estes cortiços de fórma primitiva produzem excellente mel. Os montanhezes sustentam-se principalmente de vegetaes, leite, farinha de milho e cevada, e batatas, cuja cultura, actualmente tão generalisada, foi uma das innovações do ultimo vladika.

O paiz não tem via alguma de communicação que mereça o nome de estrada. Debalde Napoleão, senhor da Dalmacia, propoz aos montenegrinos, por intervenção do marechal Marmont, mandar-lhes construir á sua custa uma estrada de Kataro a Nikchitja: constantemente recusaram, e não sem boas razões, os offerecimentos imperiaes.

O Tsernogore, propriamente dito, divide-se em quatro *nahias* ou departamentos, que se chamam Tsernitsa ou Tsermnitsa, Liechanska, Rietchka e Katounska-Nahia. Este ultimo departamento, abrangendo o monte Lovtchen, perto de Kataro, até Nikchitja, fórma per si só quasi a metade do Tsernogore. Outr'ora deshabitado, o Katounska-Nahia tira o nome da palavra albaneza *katoun* (choça de pastor levantada para o verão). Agora comprehende nove *plémes* ou tribus, repartidas em outros tantos districtos. Os allemães chamam a estes districtos *condados*, designando egualmente pelo nome de *condes* os *knézes* ou chefes, a mór parte das vezes hereditarios, que presidem aos conselhos das tribus. As nove plémes de Katounska-Nahia são os Niégouchi, os Tsetini, os Bielitses, os Tjeklitj, os Komani, os Plechiotses, os Tsousi, os Ozrinitj e os Zagartchanes. Estas tribus estanceiam nos mais pobres e aridos districtos do Tsernogore, e por isso não admira que sejam mais propensas ao roubo, sendo tambem d'este territorio que sáem ainda hoje os mais terriveis salteadores da Turquia. N'este departamento se encontra a fortaleza de Tsetinié, que, dominando uma vasta planicie, serve de forum a este povo de pastores e de soldados: as dietas nacionaes celebram-se na campina, mas o senado tem sua séde na montanha ao pé do santo vladika. A pouca distancia de Tsetinié está Niégouchi (*Gnegost*), unica povoação de todo este paiz que tem a apparencia de uma cidade europea, e aonde residem as mais illustres familias da republica, como, por exemplo, a dos Petrovitj, irmãos, tios e primos do vladika, a dos Bodanovitj, a dos Yakchitj e a dos Prorokovitj.

É Niégouchi a Moscou d'esta Russia em miniatura: a humilde habitação do progenitor da dynastia alli se conserva com devoção, como a casa dos primeiros Romanov nas margens do Moskua. A casa dos Petrovitj tem apenas um andar, e só differe das dos demais habitantes em ser um pouco maior.

As grandes aldeias de Tchevo, Tsousi, Velestovo, illustradas pelos canticos populares, são assentes em valles rebeldes a toda a especie de cultura. A pequena chã de Stanievitj, que rodeia o convento de S. Miguel Archanjo, outr'ora residencia do vladika, em que se colhem excellentes fructos e deliciosos vinhos, é a unica parte fertil da Katounska-Nahia. A nahia de Tsernitsa, que lhe fica proxima, e que, costeando o lago de Skadar, desce para Boudva e Antivari, é, pelo contrario, o mais rico torrão do Montenegro. Em alguns valles a cultura chegou a um gráo de aperfeiçoamento muito louvavel: soberbos jardins se levantam em terraços nas faldas das montanhas, e os vinhedos alternam-se com as figueiras, oliveiras e romeiras.

A Tsernitsa-Nahia contém sete tribus: os Podgores, os Glouhides, os Bertchels, os Bolievitj, os Limliani, os Sotonitj e os Doupili. A nahia de Glouhotine ou Riethka-Nahia, parte central do Tsernogore, conta cinco tribus: os Loubotines, os Kozieri, os Tseklines, os Dobarski, os Gradjani. A unica riqueza d'esta nahia é o seu rio, o Tsernoïevitj, em que abundam as trutas e outros peixes que, depois do conveniente preparo, se exportam para a Dalmacia e para a Italia. Pesca-se alli tambem periodicamente um peixe chamado em servio *oukliera*, e em italiano *scoranza*, que é da especie do barbo, e do tamanho de uma sardinha. No começo do inverno os *ouklievas* descem para o lago de Skadar em cardumes tão densos, que tingem a agua de uma côr particular. Estes peixes habitam particularmente os pontos do lago que chamam *okos*, especie de pégos circulares formados por fontes que rebentam do fundo do lago, e cuja temperatura, mais elevada que a das aguas superiores, attrahe os ouklievas... As *plémes* das bordas do lago tem a propriedade exclusiva d'estes *okos*, onde no outono lhes basta lançar a rede para a levantarem cheia de peixe. Os mais pequenos conservam-nos em cercados de canniços nas partes mais baixas e lodosas do lago, onde os amontoam de tal sorte, que elles quasi que se não podem mexer, e assim os engordam.

Muito mais arido que o Rietchka-Nahia, o quarto e ultimo departamento, o de Liechanska ou Lieskopolié, estende-se ao longo da Moratcha, em frente de Podgoritsa. Contém apenas tres tribus, os Drajovines, os Bouroni, os Gradats, que completam as vinte e quatro plémes de que se compõe o povo montenegrino propriamente dito.

Esta republica comprehende além d'isto um grande numero de districtos confederados, augmentando por successivas annexações o numero de seus alliados. O amplo valle de Koutchi está unido ao Tsernogore desde 1831; o vasto territorio de Grahovo está desde 1840 quasi inteiramente separado da Turquia, e assim a Hertsegovina, como o pachalato de Skadar, poderão, n'uma epocha mais ou menos remota, ser encorporados ao Tsernogore.

P.

SAGUNTO.

Corria o anno 534 da fundação de Roma, 219 antes de Jesus Christo, e a soberba republica, estendendo o seu dominio sobre as ruinas das nações convisinhas, mostrava serem para ella acanhados os limites da peninsula italica.

Já na primeira guerra punica revelára claramente que aspirava ao dominio absoluto dos mares, não poupando para esse fim especie alguma de sacrificios.

Foram os seus ensaios navaes tão felizes como decisivos os seus triumphos em terra, a fortuna seguia por toda a parte as legiões romanas, e a opulenta Carthago, que até então senhoreára os mares, teve, humilhada, de comprar a paz a preço de condições vergonhosas, cedendo á sua rival feliz, entre outras possessões menos importantes, a fertil e deliciosa Sicilia.

Povo eminentemente commercial, privado d'esses importantes pontos que tanto contribuiam para sua riqueza, pelo grande trafego que com elles mantinha, tratou de alargar e consolidar o seu dominio em Hespanha, que o estava convidando pela feracidade do seu solo, abundancia de toda a casta de producções, amenidade de clima, caracter franco, hospitaleiro e generoso dos habitantes.

Falharam porém ao principio todas as suas tentativas pela tenaz resistencia dos turdetanos e dos demais povos hespanhoes, confederados para a defesa da liberdade commum.

Desconfiados do resultado da lucta mudaram os carthaginezes de systema, e propuzeram aos indigenas uma estreita alliança, na qual aquelles convieram de bom grado, anciosos de gozar os doces fructos da paz, sem de modo algum supporem n'este procedimento má fé ou intenção dolosa.

Assim facil lhes foi lograr os fins que se propunham, convertendo por ultimo tal alliança em verdadeiro dominio.

Estanceavam os turdetanos na parte da Hespanha então chamada Betica e hoje Andaluzia, desde o rio Guadiana até ao estreito de Gibraltar, confrontando de uma parte com as possessões dos saguntinos.

Sagunto ou Saguntum, capital d'estes povos, fundada, segundo se suppõe, por uma colonia grega da ilha de Zazynto (hoje Zante) que aportára áquellas praias n'uma grossa armada, duzentos annos antes da guerra de Troya, era uma populosa e bella cidade distante cêrca de mil passos do mar, edificada nas abas de uma collina coroada por uma fortaleza, e rodeada de campos deleitosos e ferteis.

Instigados pelos indigetas e lacetanos, seus alliados, ou movidos do odio aos carthaginezes e do desejo de manter incolume a sua independencia, ou antes, talvez, excitados por antigas rivalidades com os turdetanos, como dizem Tito Livio e Marianna, ou com os turboletanos, como outros pretendem com mais solido fundamento, celebraram os saguntinos alliança com a republica romana.

O famoso Annibal acabava de assumir o commando das tropas carthaginezas em Hespanha. Educado entre o arruido das armas, endurecido nos trabalhos e privações das mais porfiosas guerras, Annibal possuia todos os dotes que constituem um grande general; insaciavel ambição de gloria, impavidez no perigo, incrivel audacia no combate, energia e ao mesmo tempo prudencia nos seus commettimentos, elevada intelligencia para traçar qualquer empreza, como imperturbavel perseverança em a levar a cabo, sobriedade e singeleza no seu viver, finalmente um odio entranhado aos romanos, e tudo isto contribuia para enthusiasmar os soldados, a ponto de o proclamarem general, esperando ver renovados os felizes tempos de Amilcar. A união que contrahíra com a formosa Himilce, descendente de Milico, antigo rei de Hespanha, havia-lhe proporcionado riquezas consideraveis, e conciliado a sympathia e inestimavel affecto dos indigenas. O senado de Carthago, movido d'estas razões, mas dominado ainda mais pela influencia dos Barcas, confirmou a eleição do exercito.

Anciando por achar um pretexto para satisfazer o rancor implacavel que lhe inspirava a republica romana, movendo-lhe guerra de exterminio, instigou os turboletanos para que renovassem antigas dissidencias com os habitantes de Sagunto, sobre os limites divisorios de ambos os povos. Os carthaginezes como alliados não podiam deixar de sustentar as pretenções dos turboletanos, e conseguintemente de defendel-os contra os seus inimigos. Os romanos tambem não deixariam de certo de accorrer em soccorro dos saguntinos; e assim se aproximava o momento tão ardentemente desejado pelo bellicoso Annibal para executar seus planos de vingança contra aquella republica, cumprindo assim o juramento que, tendo apenas nove annos, d'elle exigira seu pae quando a primeira vez o trouxera a Hespanha.

N'este intuito havia muito que se aprestava, augmentando o exercito com tropas africanas, abastecendo os armazens, procurando estreitar cada vez mais as suas relações politicas com os hespanhoes, que tão necessarios lhe haviam de ser n'aquella guerra, castigando severamente os inimigos para lhes impor respeito, e evitar que se rebellassem, n'uma palavra, não esquecendo genero algum de sacrificios e quantas diligencias podessem contribuir para o feliz exito da empreza.

Sabedores os saguntinos de tão extraordinarios preparativos, e desconfiados de que as proprias forças não podessem resistir a tamanha tormenta, enviaram apressadamente embaixadores aos romanos, para que os instruissem de tudo, e lhes supplicassem que viessem em seu auxilio com prompto e respeitavel soccorro, ou que intimassem Annibal a que se abstivesse de toda a hostilidade; que era este um dever imperioso dos romanos, tanto por justa gratidão ao affecto e á confiança com que os saguntinos haviam preferido sua alliança á dos estrangeiros, como para honra e decoro do povo romano sobre o qual recairia o mais negro opprobrio, se abandonasse os seus melhores alliados á mercê de um inimigo cruel e poderoso; que elles, conhecendo perfeitamente o inexcedivel valor e alta capacidade militar do general carthaginez, não ignorando tambem as principaes feições do seu caracter moral, que o illustre Tito Livio define concisa e eloquentemente, dizendo que para este homem, de uma perfidia mais que africana, não havia nada de verdadeiro, nada de santo, nenhum temor dos deuses, nenhum juramento, nenhuma religião que o podesse conter, (1) estavam resolvidos antes a perecer com Sagunto, e a sepultar-se debaixo das suas ruinas, do que romper a fé jurada, pactuando com os feros carthaginezes.

O senado romano ouviu com dor os justos clamores dos embaixadores, convencido de que eram bem fundados esses receios, e do doloso proceder de Annibal. Varios oradores celebres tomaram a palavra pro e contra, discutindo o ponto larga e acaloradamente; foram varios os pareceres, mas a final prevaleceu o mais moderado, que consistia em enviar embaixadores a Annibal para que lhe intimassem que respeitasse os saguntinos como alliados de Roma, exigindo-lhe a observancia do tratado celebrado pouco tempo antes, pelo qual se haviam obrigado os carthaginezes a cumprir aquella clausula, e a reconhecer o rio Ebro como o limite natural de suas possessões em Hespanha; acrescentando finalmente que elles considerariam a infracção de qualquer d'estes pontos como uma declaração de guerra.

A esta embaixada respondeu Annibal, como se devia esperar: «que a guerra fôra começada pelos saguntinos e não por elle; e que o povo romano obraria injustamente, preferindo aquelles á antiquissima alliança dos carthaginezes.» (2)

Despedidos com esta resposta os embaixadores, considerou Annibal declarada a guerra, que era o mais vivo desejo do seu coração; depois de sujeitar os olcades, e de ganhar uma decisiva victoria aos carpetanos, dirigiu-se sobre Sagunto com um exercito de cento e cincoenta mil homens, na maxima parte composto de hespanhoes dos diversos povos alliados ou sujeitos aos carthaginezes.

Entretanto não se haviam descuidado os saguntinos em preparar-se para a defesa, reforçando as suas fortificações, construindo outras de novo, e fazendo larga provisão de abastecimentos de toda a especie, porque já desconfiavam da opportunidade e presteza do soccorro dos seus alliados.

Dirigiu o general carthaginez seus primeiros ataques contra aquella parte da muralha que deitava para o valle, que, por ser mais baixa, lhe pareceu mais fraca e de mais facil conquista.

Baldados foram seus esforços; defendendo-se tenazmente os sitiados, repelliram victoriosamente os

(1) Has tantas viri virtutes ingentia vitia æquabant: inhumana crudelitas, perfidia plusquam Punica, nihil veri, nihil sancti, nullus deum metus, nullum jusjurandum, nulla religio. Tito Livio, liv. XXI, cap. IV.

(2) Bellum ortum ab Saguntinis, non ab Annibale esse: populum Romanum injuste facere, si Saguntinos vetustissimæ Carthaginensium societati præponat. Tito Livio, liv. XXI, cap. X.

repetidos e violentos assaltos do inimigo, e o proprio Annibal em uma das refregas, na qual á frente dos soldados os procurára exaltar pelo exemplo, foi ferido gravemente, apoderando-se então tal terror do exercito, que este virou costas, e pondo-se em completa derrota abandonou armas, arietes e demais machinas de sitio, acolhendo-se aos arraiaes, depois de soffrer uma perda enorme.

(Continúa).

INSCRIPÇÕES ROMANAS.

As inscripções que aqui apresentâmos fielmente copiadas são de muito valor para o estudo da dominação romana em Portugal; é na egreja matriz dos Cadafaes, pequeno logar sito na provincia da Estremadura, termo da importante villa de Alemquer, que se encontram as duas lapidas em que se acham gravadas estas preciosas reliquias de um povo que encheu o mundo com o seu nome. Alli as descobriu, quasi que occasionalmente, embebidas na parede do lado direito de fóra da dita egreja, o sr. João José Miguel da Silva Amaral, associado provincial da academia real das sciencias de Lisboa, que nos communicou o seu precioso achado, em carta datada de 3 de agosto de 1855.

Uma das lapidas, a que publicâmos em primeiro logar, está perfeita, a outra quebrada pelo meio, não existindo a parte partida; dista uma da outra vinte e sete palmos e meio; é branca a pedra, com veios encarnados, desconhecendo a sua qualidade os pedreiros experientes que o sr. Amaral cuidadosamente inquiriu. Consultadas as pessoas mais velhas do logar todas ignoravam d'onde proviriam similhantes inscripções, que aliás parecem ter sido alli collocadas sem conhecimento algum do que e para que valiam, pois estão viradas para baixo. Quando se erigiu a egreja dos Cadafaes com estas, e talvez muitas outras pedras similhantes, se construiram as respectivas paredes; o tempo destruindo o rebôco descobriu as que apresentâmos; e é provavel que outras não menos importantes existam confundidas com os mais vis materiaes nas muralhas do pobre templo.

Eis as inscripções:

D. M.
I TERENTIVS
PRIMITVS
AN. XXXII.
IVNIA FESTINA MATER
F PIENTISSIMO
F. E. C.

Tem esta inscripção, segundo as indicações do referido sr. Amaral, de grossura um palmo craveiro e um quarto; largura quatro e meio; comprimento oito palmos e meio.

D. M.
M FABRICIVS
F FILIVS G MAR
CIANVS AN XXII
SEV FLORILLA

O resto da inscripção não se póde ler, porque, como já dissemos, a lapida está partida, desapparecendo, com o pedaço deslocado, e talvez perdido para sempre, as letras e palavras que deviam completar o seu sentido.

Ainda assim, recommendamol-a, como á anterior, aos que presam e cultivam ainda entre nós o estudo das antiguidades, porque nos parece serem objectos dignos de especial attenção.

P.

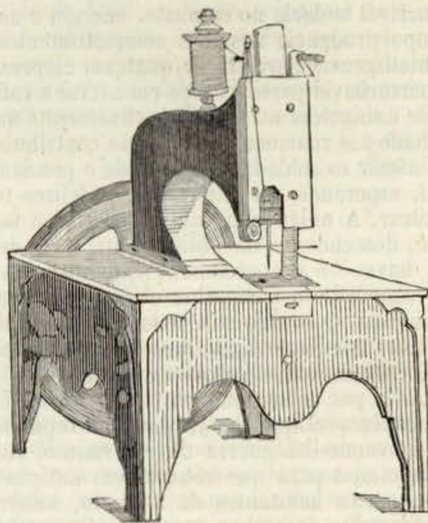
MACHINA DE COSER.

Um pobre alfaiate francez, natural de Amblepuis (Rhodano) por nome Timonier, foi quem primeiro concebeu a idéa de uma machina de coser. Por espaço de alguns annos estudou elle o meio de resolver praticamente o importantissimo problema que se propozera, mas só em 1830, parecendo-lhe ter obtido resultado satisfactorio, sollicitou e obteve o respectivo privilegio de invenção.

Ou fosse pelas circunstancias politicas da epocha, ou porque a machina de Timonier não satisfizesse na realidade a todas as exigencias requeridas, o que é certo é que o seu uso se não generalisou, e quasi que a machina e o inventor caíram inteiramente em esquecimento.

Em 1854 apresentou-se, porém, Isaac Singer, de Watertown (Estados Unidos) a requerer privilegio para uma nova machina de coser que inventára; esta foi mais feliz, porque teve logo favoravel acolhimento na Europa e America.

Esta machina é muito simples; compõe-se de um quadro de ferro, apoiado sobre quatro pés; uma peça, tambem de ferro, recurvada, sustenta o fuso e o mecanismo da agulha vertical. Debaixo d'esta ha



uma chapa movel, que ajusta perfeitamente ao quadro ou mesa. Esta chapa encobre o systema da agulha circular collocada interiormente. A machina póde ser movida manualmente, com pedal, ou a vapor. Executa o trabalho com admiravel rapidez e perfeição, fazendo quinhentos pontos por minuto, termo medio.

Grover e Backer aperfeiçoaram estas machinas. Posto que não differam muito na fórma exterior das de Singer, é certo que se obtem com ellas trabalho mais perfeito e rapido, asseverando-se que se podem com ella executar mil e quinhentos pontos por minuto!

A gravura representa uma machina d'este ultimo systema.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B